



## O BLOG E A AVENTURA DA ESCRITA LITERÁRIA: O PAPEL DA MÍDIA LIVRO NA CARACTERIZAÇÃO DO FATO LITERÁRIO

Lígia de Amorim Neves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Com o advento da internet, que marca uma das mais poderosas revoluções em diversos âmbitos sociais, emergem manifestações artístico-culturais que procuram tanto responder às novas necessidades do homem contemporâneo quanto consolidar determinadas propriedades textuais e paratextuais. No entanto, o valor estético dessas produções ainda é posto em questão, como é o caso dos textos de caráter literário postados em blog, tomados predominantemente como diários confessionais, sem relevar a possibilidade de eles configurarem mais um gênero literário com leis e abordagens próprias. Frente a esse contexto, este estudo pretendeu refletir sobre possíveis razões extratextuais pelas quais esses escritos têm recebido tratamento pormenorizado. Para tanto, ancorado em aspectos da teoria crítica sociológica e dos estudos sobre multimodalidades, levantou-se questões sobre a hegemonia do livro, ilustrando com o caso de Clarah Averbuck, bem como sobre as potencialidades do texto digital via internet e a associação, em detrimento da ruptura, entre esses dois veículos. Como resultado, observou-se que a introdução das chamadas “novas tecnologias”, como a internet, nas práticas sociais desestabilizou os circuitos *autor-texto-leitor* e *produção-distribuição-circulação*, o que torna imperativo refletir sobre os parâmetros que definem o estatuto literário de um texto, para que se possa compreender alguns motivos pelos quais, no presente caso, a literatura veiculada nos blogs permanece à margem dos círculos oficiais e, assim, inseri-los na cena literária contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Blog; Clara Averbuck; Literatura.

### 1 INTRODUÇÃO

O princípio do ato de materialização de um texto parte do autor, quando este exprime sua arte, no entanto, o que ele escreve é texto e não livro. A obra literária, enquanto parte de um sistema, que se completa na leitura do leitor, depende desse recurso material para tornar possível a concretização do fato literário.

O livro, apesar de disputar espaço com outras mídias, como são alguns exemplos o rádio, a televisão, o cinema e a internet, ainda mantém, ao menos no imaginário social, um lugar de respeito. Isso se explica, em parte, pela familiaridade do leitor com o formato do códex e com as práticas de produção e leitura dos textos condizentes com tal suporte, que vêm se consolidando desde o século IV.

Dentre as instituições responsáveis por essa consolidação, destaca-se a escola e o setor acadêmico, que adotam o livro como instrumento privilegiado de educação. Dessa maneira, reforçam-se os protocolos de leitura que o suporte condicionou: desde as formas de manipulação do objeto (posição de títulos previsíveis, frases que se lêem da esquerda

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – Paraná. [ligiadeamorim@gmail.com](mailto:ligiadeamorim@gmail.com)

para a direita, parágrafos que se seguem uns aos outros, capítulos e páginas ordenados numericamente, isso tudo encadernado entre duas capas, caracterizando o objeto livro) até as questões textuais (grafia, paragrafação, pontuação, coesivos).

O fetichismo se dá, também, pelas experiências afetivas do leitor ligadas à manipulação do código, a saber: o formato e a capa do livro, os odores distintos de um livro novo ou velho, as marcas do tempo que tornam amarelas as páginas e até sujas por pequenos desastres, como um café derramado, bem como a praticidade dessa mídia (fácil de carregar, de retomar a leitura, de intervir por meio de anotações, por exemplo). Além disso, existe a questão mercadológica que coloca o livro como o veículo central da cultura grafocêntrica, ainda mais depois do advento da imprensa, quando o código perde o caráter artesanal e se prepara para a produção em larga escala.

Diante de toda essa memória afetiva em relação ao livro, das práticas de leituras arraigadas no leitor e do poder do mercado editorial de textos impressos, os novos suportes textuais eletrônicos e digitais tendem a frustrar as expectativas dos leitores. Por outro lado, a tecnologia da imprensa representou uma solução que gerou novos dilemas: como armazenar, organizar, disponibilizar e acessar o estoque de objetos impressos que cresce de forma vertiginosa? De que modo se pode acelerar o processo de produção do livro tendo em vista a crescente demanda em ritmo exponencial? E o que fazer para trazer à tona as distintas e numerosas vozes que estão fora do círculo literário hegemônico?

É nesse sentido que o ciberespaço, enquanto espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores, aponta caminhos para esses problemas. Mas será que a Web, no estágio atual, tem força suficiente para legitimar produções literárias?

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para se investigar essa questão, o estudo percorreu as seguintes etapas: em um primeiro momento, levantaram-se questões sobre a hegemonia do livro; em seguida, as potencialidades do texto digital via internet foram apresentadas como uma solução para problemas desencadeados pelo meio impresso, sem deixar de pontuar as limitações dessa nova mídia; depois, como exemplo dessa hegemonia do livro, analisou-se o caso de Clarah Averbuck, uma das pioneiras na publicação de textos literários em blogs, sendo um de seus livros, *Das coisas esquecidas atrás da estante* (2003), pela 7Letras, resultado de compilações de seus melhores posts no blog já inativo *brazileira!preta* – indicado, em 2009, para concorrer como o melhor blog da década; por fim, destacou-se a associação, em detrimento da ruptura, entre esses dois veículos.

Para tanto, recorreu-se, sobretudo, a aspectos da teoria crítica sociológica que compreendem questões sobre o circuito *produção-distribuição-circulação* que se interpõe entre o escritor e o leitor; e a estudos sobre multimodalidades que discutem as limitações e as potencialidades de cada mídia.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa mostrou que a internet tem contribuído para intensificar o contato com a escrita, inclusive com a literária, segundo afirma o escritor Mário Prata, que produziu um livro com o acompanhamento em tempo real de leitores-internautas. Em palestra sobre o tema “Jovem que não lê”, ele reforça que “justamente por causa da existência da Internet é que nunca se leu tanto (e jamais se escreveu tanto!) como hoje” (NÓBREGA, 2011).

Além disso, a internet aproxima as esferas da criação e da recepção, diminuindo o intervalo temporal e espacial que separava o momento de produção do autor e o de atividade do leitor. Essa dinamização deriva das modificações no circuito *produção-distribuição-circulação*. Tradicionalmente, são os agentes responsáveis por essa

interação, provenientes de institutos culturais, universidades, academias de letras, sindicatos de escritores, associações de editores, órgãos governamentais, redações de revistas e jornais, que determinam as regras de tráfego no circuito literário. Com a internet, o papel desses agentes é reduzido e até suprimido, pois o que ocorre, de fato, é a fusão do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor e do livreiro.

E ao estabelecer essa relação direta entre obra e público sem a interferência das tradicionais etapas de produção, distribuição e circulação do livro, a independência do autor é posta em destaque, uma vez que, com as ferramentas que a informática lhe dispõe (software e hardware), ele pode controlar todo o processo de edição de sua própria obra, além de deter maior autonomia criativa.

Dessa forma, tanto amadores quanto profissionais da literatura encontram na Web um ambiente que permite inserir a sua produção, contornando as dificuldades que os autores desconhecidos normalmente encontram para expor seus trabalhos, pois “o gosto literário do ‘homem comum’ não pede licença para existir e não pede desculpa por circular. Ganha maior visibilidade que antes e legitima-se no âmbito dessas comunidades, graças ao apoio mútuo entre esses escritores e leitores do ciberespaço” (MINCHILLO, 2001, p. 119). Assim, a internet abre possibilidades mais baratas e democráticas “de amplitude planetária para divulgação de idéias”, segundo afirma Gatti (2005, p. 30), em seu livro que investiga as relações entre a internet e o analfabetismo digital.

Contudo, é questionável o quanto essas interconexões, de fato, funcionam, isso porque, problematiza Minchillo: “há muitos sites que se encontram abandonados, verdadeiros terrenos baldios”, ou seja “a Web pode representar apenas a ilusão de um contato que se perde na imensidão de sua própria estrutura” (MINCHILLO, 2001, p. 113-114).

Além disso, em várias culturas, ainda há restrições severas de acesso ao material digital na internet por razões ideológicas, como são exemplos os países muçumanos mais radicais na passagem do século XX ao XXI, cuja produção cultural “sofre imenso controle estatal” (GATTI, 2005, p. 51).

E quando a cibercultura parece ameaçar o impresso, surgem queixas de ordem prática e econômica semelhantes às dos grandes códices manuscritos: a necessidade constante de rolagem do texto para leitura e escritura e a limitação de possibilidades de acomodação e conforto para tanto, principalmente quando de posse de uma máquina de baixa portabilidade, o que lembra o peso do bloco de argila, o deslizar do rolo de papiro e o incômodo dos grandes códices manuscritos.

Ainda, embora os processos de produção, armazenamento, transmissão e uso de textos eletrônicos sejam mais baratos que as formas tradicionais, o computador e, sobretudo, a internet, lamentavelmente ainda é um recurso elitizado em muitos países, à semelhança do livro que, por muito tempo, permaneceu na condição de objeto inacessível para grandes parcelas da população. Surge, então, outra preocupação ao lado desse apartheid tecnológico, a exclusão de leitores. No prefácio do livro de Gatti, Santaella (GATTI, 2005, p. 13) reforça que “o computador não é uma máquina de escrever sofisticada, nem a Internet é um entretenimento à televisão”, isto é, ele exige habilidades de uso específico, o que pressupõe uma base educacional e cultural para o ingresso no ciberespaço.

E, sobretudo, a Web, no estágio atual, ainda não tem força suficiente para legitimar produções literárias, mantendo uma dependência do universo impresso e de seus agentes mercadológicos para tanto. Isso porque esse sistema de hipermídia ainda não dispõe de todo um aparato ideológico reconhecido no círculo literário, conforme o descreve Eagleton: instituições específicas da produção literária (editoras, livrarias, bibliotecas etc) e instituições “secundárias” de apoio, cuja função é mais ideológica, como as “academias e sociedades literárias, clube de leitores, associações de produtores,

distribuidores e consumidores de literatura, órgãos censores e jornais e revistas literárias” (1988 apud MINCHILLO, 2001, p. 106).

É o caso das escritas literárias em blogs, que além de não dispor desses mecanismos, seu valor estético, do ponto de vista dos estudos literários tradicionais, é reduzido diante da generalização do teor desses escritos, tomados geralmente como diários intimistas, isto é, como “confissão de uma subjetividade, ‘expressão da alma’, ‘espelho do coração’”, reforçando “a noção de um autor como foco de irradiação do texto” (MINCHILLO, 2001, p. 117).

Como resultado do exemplo disso analisado, a produção literária de uma das pioneiras na publicação de textos em blogs, Clarah Averbuck, cujo livro *Das coisas esquecidas atrás da estante* (2003) é resultado de compilações de seus melhores posts no blog *brazileira!preta*, observou-se que foi a partir da impressão de seus textos que a autora passou de “blogueira confessional” a escritora literária, ou seja, a mudança de mídia é que trouxe legitimidade aos seus textos e projeção à escritora no meio literário. E o que desperta mais interesse nesse caso é o fato de que o texto literário no blog apresenta a mesma configuração no livro, tal como a própria autora reconhece, em entrevista a revista *Terra Magazine*: “A linguagem que eu uso é a mesma, a única coisa perdida é o recurso do link, que não deixa de ser uma espécie de nota de rodapé” (BILENKY, 2011).

A escrita de Clarah nesses livros, portanto, não explora as potencialidades da mídia digital, isto é, experiências mais sofisticadas no uso do hipertexto, da multimídia e de outros recursos computacionais: trata-se de um texto monossequencial, desprovido de mecanismos de hiperlinks, sem uma estrutura labiríntica gerada pela desestabilizante imaterialidade dos textos digitalizados. A sua literatura se destaca pelo descompromisso com possíveis valores da literatura e pela incorporação de uma linguagem cujo efeito promove uma confusão entre real e virtual, público e privado – características intratextuais que não fazem parte do escopo deste artigo, que se concentra nos aspectos externos ao texto.

Diante dessa situação de semelhança textual em relação à modalidade impressa, torna-se mais evidente o poder do status do livro para legitimar. É como questiona Machado (2011), em seu artigo que discute as mudanças no universo da editoração: seria coerente dizer que aqueles livros de Lacan decorrentes da compilação de transcrições de algumas aulas proferidas em programas de rádio e de televisão são mais legítimos do que os programas de rádio ou de televisão?

Tendo em vista isso, torna-se imperativo refletir sobre o livro enquanto instância legitimadora de valor estético literário. É inadmissível que se continue esperando o mercado editorial de textos impressos publicar esses escritos digitais para, então, o valor deles ser reconhecido, conforme reflete Machado (2011): “nossas instituições intelectuais, entretanto, ainda parecem se deixar embalar pelas idéias esdrúxulas de que o conhecimento encontra-se associado exclusivamente ao modelo conceitual do texto impresso”.

## 4 CONCLUSÃO

Os textos impressos automatizaram uma série de práticas de escrita e leitura, e consolidaram uma relação de afeto com o livro, de modo que essa mídia hegemônica na cultura ocidental tende a ser considerado um artefato “natural”. Contudo, esses protocolos dos impressos são condicionantes, e não determinantes, ou seja, eles não definem o estatuto literário dos textos, apenas condicionam um modo de lê-los.

É preciso olhar para o livro como um artefato construído e, conseqüentemente, imbuído de uma relação ideológica, afinal, tudo é sustentado, sobretudo, por uma

complexa estrutura mercadológica, que confere ao livro o status de depositário da memória coletiva, difusor de bens simbólicos.

Sendo assim, ao disponibilizar espaço para a circulação de textos não consagrados, como é o caso do blog, a Web pulveriza o poder de triagem e de sanção literária, permitindo a manifestação de múltiplas práticas com diferentes valores de literatura. Mesmo quando veicula textos menos emancipadores, ela não reproduz apenas o sistema literário já existente, mas o desestabiliza ao mesmo tempo, uma vez que é proposto um modo diferenciado de os sujeitos se relacionarem com a escrita, entretecendo-se nela e nela constituindo historicidades.

É nesse sentido que se torna necessário olhar para os blogs como uma mídia também literária, e não apenas como uma confusão biográfica, uma fronteira entre o amador e o escritor, pois conceber essas ideias é aceitar e patrocinar a hegemonia do livro, tomado como a única mídia legítima de circular a literatura.

## REFERÊNCIAS

AVERBUCK, Clarah. **Das coisas esquecidas atrás da estante**. Rio de Janeiro: 7Letras, 00202003. p. 19.

BILENKY, Thais. Criada na internet, Averbuck reclama: Livro não dá dinheiro. **Terra Magazine**. 17 out. 2009. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4046501-EI6595,00-Criada%20na%20internet%20Averbuck%20reclama%20Livro%20nao%20da%20dinheiro.html>>. Acesso em 20 mar. 2011.

GATTI, Daniel Couto. **Sociedade informacional e an/alfabetismo digital**: relações entre comunicação, computação e internet. Bauru: Edusc; Uberlândia: Edufu, 2005. p. 13, 30, 51.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 201-214, mai./ago. 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 jan. 2011.

MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. **Literatura em rede**: tradição e ruptura no ciberespaço. 2001. 155 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001, p. 51. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/tese10.html>>. Acesso em: 12 fev. 2011. p. 106, 113-114, 117, 119.

NÓBREGA, Evandro de Mário Prata e a juventude na internet. **Jornal A União**, Paraíba, 27 nov. 2011. Disponível em: <[http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com\\_content&task=view&id=38766&Itemid=39](http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=38766&Itemid=39)>. Acesso em: 23 jan. 2011.